

## LIVRO PRIMEIRO

### HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA

#### I

#### Fiódor Pávlovitch Karamázov

Aleksei Fiódorovitch Karamázov era o terceiro filho de Fiódor Pávlovitch Karamázov, proprietário rural do nosso distrito muito conhecido no seu tempo (e ainda hoje se lembram dele entre nós), devido ao seu fim trágico e obscuro, ocorrido há precisamente treze anos, e de que a seu tempo falarei. Por agora direi apenas acerca desse «proprietário» (como entre nós lhe chamavam, embora durante toda a sua vida quase não tenha vivido na sua propriedade) que era um tipo estranho, tipo que no entanto se encontra com bastante frequência, concretamente o tipo de homem não apenas mau e depravado, mas ao mesmo tempo inepto — um daqueles ineptos que sabem muito bem tratar dos negócios da sua propriedade e, ao que parece, apenas desses. Fiódor Pávlovitch, por exemplo, começou quase do nada, era um dos mais pequenos proprietários; corria a comer nas mesas alheias, era um papa-jantares, e contudo, no momento da sua morte, verificou-se que possuía uns cem mil rublos em dinheiro contado. E ao mesmo tempo, continuou toda a sua vida a ser um dos extravagantes mais ineptos de todo o nosso distrito. Volto a repetir: não se trata aqui de estupidez — esses extravagantes são, na sua maioria, bastante inteligentes e astutos — mas apenas de inépcia, e de uma inépcia especial, nacional.

Foi casado por duas vezes e tinha três filhos — o mais velho, Dmitri Fiódorovitch, da primeira mulher, e os outros dois, Ivan e Aleksei, da segunda. A primeira mulher de Fiódor Pávlovitch era da família nobre bastante rica e distinta dos Miússov, também latifundiários no nosso distrito. Não me esforçarei por explicar como foi possível que uma rapariga com um rico dote, além disso bonita e ainda por cima uma dessas inteligências vivas tão fre-

quentes entre nós na actual geração, mas que apareciam já na geração anterior, se tivesse casado com um insignificante «enfezado», como todos então lhe chamavam. Pois eu conheci uma jovem, ainda da anterior geração «romântica», que depois de alguns anos de enigmático amor por um cavalheiro, com o qual de resto se poderia ter casado sem qualquer dificuldade, acabou no entanto por inventar ela própria obstáculos intransponíveis e numa noite de tempestade atirou-se de uma arriba altíssima, quase um penhasco, para um rio bastante profundo e rápido e nele morreu resolutamente pelos seus próprios caprichos, apenas para se parecer com a Ofélia de Shakespeare. É até possível que, se essa arriba, lugar há tanto tempo por ela escolhido como seu predilecto, não fosse tão pitoresca, e no seu lugar houvesse apenas uma margem baixa e prosaica, o suicídio nem tivesse acontecido. Este é um facto verdadeiro, e é de crer que na nossa vida russa tenham acontecido nas últimas duas ou três gerações bastantes casos como este ou parecidos. De modo idêntico, o acto de Adelaída Ivánovna Miússova foi, sem dúvida, um eco de ideias alheias e também da irritação de um pensamento cativo. Ela quis talvez proclamar a independência feminina, ir contra as convenções sociais, contra o despotismo da família e dos parentes, e uma obsequiosa fantasia convenceu-a, apenas por um instante, admitamos, de que Fiódor Pávlovitch, apesar da sua condição de parasita, era um dos homens mais corajosos e zombeteiros daquela época de transição para melhor, quando na verdade ele era apenas um palhaço mau e nada mais. O aspecto picante consistia ainda no facto de o caso ter envolvido o rapto, e isso fascinou enormemente Adelaída Ivánovna. Quanto a Fiódor Pávlovitch, estava muito bem preparado para todas essas aventuras, até pela sua situação social, pois desejava ardentemente fazer carreira fosse como fosse; encostar-se a uma boa família e receber um dote era muito tentador. Quanto ao amor recíproco, parece que nunca existiu — nem do lado da noiva, nem do lado dele, apesar da beleza de Adelaída Ivánovna. De modo que este caso foi talvez o único do seu género na vida de Fiódor Pávlovitch, que toda a sua vida foi um homem extremamente lascivo, sempre pronto a colar-se a qualquer saia desde que esta lhe acenasse. E entretanto, só esta mulher não provocou nele qualquer atracção especial pelo lado da paixão.

Logo depois do rapto, Adelaída Ivánovna percebeu num instante que pelo seu marido só sentia desprezo e nada mais. Deste modo, as consequências do casamento tornaram-se evidentes com extraordinária rapidez. Embora a família se tivesse conformado bastante depressa com o acontecimento, entregando o dote à fugitiva, começou entre os esposos uma vida desordenada, com cenas constantes. Contava-se que a jovem esposa revelou em tudo isso incomparavelmente mais generosidade e dignidade do que Fiódor Pávlovitch, o qual, como agora se sabe, lhe surripiou de uma vez todo o dinheiro, vinte e cinco mil rublos, assim que ela os recebeu, de modo que esses milha-

res como que se sumiram definitivamente. Quanto à pequena aldeia e à bela casa da cidade que faziam parte do dote, durante muito tempo ele procurou com todas as forças transferi-las para o seu próprio nome por meio de um qualquer acto legal, e por certo teria conseguido esse objectivo, graças apenas, por assim dizer, ao desprezo e repulsa que causava à esposa a todo o momento com as suas súplicas e chantagens, só por cansaço moral dela, para que ele a largasse. Felizmente, a família de Adelaída Ivánovna interveio e restringiu a rapacidade do marido. É um facto conhecido que eram frequentes as brigas entre os dois esposos, mas, segundo as vozes, não era Fiódor Pávlovitch que batia na mulher, mas Adelaída Ivánovna que lhe batia, sendo como era uma mulher fogosa, ousada, trigueira, irascível e dotada de uma notável força física. Por fim, abandonou a casa e fugiu do marido com um pobre seminarista, deixando Fiódor Pávlovitch com o pequeno Mítia de três anos nos braços. Fiódor Pávlovitch introduziu imediatamente em casa um autêntico harém e lançou-se nas mais desatinadas bebedeiras; nos intervalos, percorria quase toda a província, queixando-se lacrimosamente a todos e a cada um do abandono de Adelaída Ivánovna, falando de pormenores da vida conjugal que um marido devia ter vergonha de contar. O que mais parecia agradar-lhe e até lisonjeá-lo era representar diante de toda a gente o ridículo papel de marido ofendido e descrever até ao exagero pormenores da sua ofensa. «Até parece que o senhor obteve uma promoção, Fiódor Pávlovitch, de tão contente que está apesar de toda a sua amargura» — diziam-lhe os trocistas. Muitos até acrescentavam que ele estava contente por aparecer com um renovado papel de palhaço e que, para aumentar o riso, fingia não perceber a sua situação ridícula. De resto, quem sabe, talvez isso fosse nele apenas ingenuidade. Por fim conseguiu descobrir o rasto da fugitiva. A pobre estava em Petersburgo, para onde tinha ido com o seu seminarista e onde se entregava sem reservas à mais completa emancipação. Fiódor Pávlovitch atarefou-se imediatamente e preparou-se para ir a Petersburgo, sem que ele próprio naturalmente soubesse para quê. Na verdade, talvez tivesse mesmo ido nessa altura; mas, ao tomar tal decisão, achou-se de imediato no especial direito, para se animar, de se entregar outra vez à mais ilimitada bebedeira. E eis que entretanto a família da esposa recebeu a notícia de que ela morrera em Petersburgo. Morreu como que de repente, algures numa água-furtada, de tifo segundo uma versão, e de fome, segundo outra. Quando soube da morte da esposa, Fiódor Pávlovitch estava bêbedo; diz-se que correu pela rua e começou a gritar, erguendo os braços ao céu de alegria: «Agora, Senhor, libertaste o teu servo», mas segundo outros, soluçava como uma criança pequena, de tal modo que, segundo dizem, até metia dó olhar para ele, apesar de toda a repulsa que inspirava. É muito possível que houvesse uma e outra coisa, ou seja, que se alegrasse pela sua libertação, e chorasse pela libertadora — tudo ao mesmo tempo. Na maior parte dos casos as pessoas, mesmo as

malvadas, são muito mais ingênuas e simples do que de um modo geral imaginamos. E nós próprios também.

## II

### Desembaraçou-se do primeiro filho

É possível sem dúvida imaginar que educador e que pai podia ser um homem assim. Como pai, aconteceu precisamente aquilo que tinha de acontecer, ou seja, abandonou completamente o filho nascido do casamento com Adelaída Ivánovna, não por maldade, nem por quaisquer sentimentos de agravo conjugal, mas apenas porque se esqueceu dele por completo. Enquanto importunava toda a gente com as suas lágrimas e queixas, e transformava a sua casa num antro de depravação, o pequeno Mítia de três anos ficava entregue aos cuidados de um fiel criado da casa, Grigóri, e se este não se tivesse preocupado com ele, não teria havido talvez ninguém que mudasse uma camisinha à criança. Além disso, aconteceu que os parentes do menino por parte da mãe também pareciam ter-se esquecido dele nos primeiros tempos. O avô, ou seja o próprio senhor Miússov, pai de Adelaída Ivánovna, já então não estava entre os vivos; a esposa viúva, avó de Mítia, que se mudara para Moscovo, ficou gravemente doente, e as irmãs de Adelaída Ivánovna casaram-se; de modo que durante quase um ano Mítia teve de ficar com o criado Grigóri e viver com ele na casa dos criados. De resto, mesmo que o paizinho se lembrasse dele (na verdade não podia ignorar a sua existência), ele próprio o mandaria de novo para a casa dos criados, porque em qualquer caso a criança era um empecilho aos seus deboches. Aconteceu porém que regressou de Paris um primo de Adelaída Ivánovna, Piotr Aleksándrovitch Miússov, que mais tarde viveria durante muitos anos seguidos no estrangeiro e que então era ainda um homem muito novo mas já especial entre os Miússov, culto, habituado a viver nas capitais e no estrangeiro e que, para o final da vida, se tornou um liberal dos anos quarenta e cinquenta. Ao longo da sua carreira, manteve ligações com muitos dos homens mais liberais do tempo, na Rússia e no estrangeiro; conhecera pessoalmente Proudhon e Bakúnin, e gostava especialmente de recordar e contar, já para o fim das suas peregrinações, os três dias da revolução de Paris em Fevereiro de quarenta e oito, insinuando que ele próprio tinha participado nas barricadas. Essa era uma das mais agradáveis recordações da sua juventude. Tinha uma propriedade independente de quase mil almas<sup>1</sup>, segundo a antiga contagem. A sua magnífica propriedade situava-se logo à saída da nossa cidade e confinava com as terras do nosso famoso mosteiro, com o qual Piotr Aleksándrovitch, desde muito jovem, assim que recebeu a herança, iniciou de imediato um intermi-

nável processo judicial sobre uns quaisquer direitos de pesca no rio ou de corte na floresta, não sei com exactidão, mas considerou mesmo seu dever de cidadão e de homem esclarecido iniciar o processo contra os «clericais». Ao ouvir falar do caso de Adelaída Ivánovna, de quem naturalmente se lembrava e em quem reparara mesmo em tempos, e ao saber da existência de Mítia, interessou-se pelo caso, apesar da sua indignação e do seu desprezo por Fiódor Pávlovitch. Foi então que conheceu Fiódor Pávlovitch e o viu pela primeira vez. Explicou-lhe abertamente que desejava encarregar-se da educação da criança. Muito tempo depois contava ainda, como um traço característico, que, quando começou a falar de Mítia com Fiódor Pávlovitch, este ficou por algum tempo com o ar de quem não compreendia de que criança se tratava, e até pareceu surpreendido por ter algures em sua casa um filho pequeno. Ainda que o relato de Piotr Aleksándrovitch possa ter algum exagero, em todo o caso devia ter qualquer coisa parecida com a verdade. Mas, de facto, Fiódor Pávlovitch toda a sua vida gostou de representar, de interpretar de repente à nossa frente um papel qualquer, por vezes sem necessidade, e até em seu próprio prejuízo, como no presente caso. Esse traço é de resto característico de um grande número de pessoas, até de pessoas muito inteligentes, e não apenas de Fiódor Pávlovitch. Piotr Aleksándrovitch conduziu o assunto com ardor e foi até designado (conjuntamente com Fiódor Pávlovitch) tutor da criança, porque, por morte da mãe, fora-lhe atribuída uma pequena propriedade, uma casa e um terreno. Mítia passou de facto a viver com esse parente, mas como este não tinha família própria e como, depois de garantir o recebimento dos dinheiros das suas propriedades, se apressou a voltar para Paris, confiou a criança a uma das suas tias, uma senhora de Moscovo. Aconteceu que, depois de se instalar em Paris, também ele se esqueceu da criança, em especial quando estalou aquela revolução de Fevereiro que tanto impressionou a sua imaginação e que nunca mais conseguiu esquecer em toda a sua vida. Mas a senhora de Moscovo morreu, e Mítia foi recolhido por uma das suas filhas casadas. Ao que parece, depois disso ainda mudou de ninho uma quarta vez. Não me vou agora alongar sobre isso, tanto mais que ainda falta muito por contar sobre este primogénito de Fiódor Pávlovitch, e por enquanto limito-me aos dados mais indispensáveis sobre ele, sem os quais nem poderia iniciar o romance.

Em primeiro lugar, este Dmitri Fiódorovitch foi o único dos três filhos de Fiódor Pávlovitch que cresceu na convicção de que possuía alguns bens e de que seria independente quando atingisse a maioridade. A sua adolescência e juventude decorreram de maneira desordenada: não concluiu o liceu, entrou para uma escola militar, depois foi para o Cáucaso, cumpriu o serviço militar e foi promovido, bateu-se em duelo, foi despromovido, voltou a ser promovido, meteu-se na pândega e gastou muito dinheiro. Não recebeu nada de Fiódor Pávlovitch antes da maioridade e entretanto foi contraindo dívidas.